



A PLENITUDE DOS TEMPOS E A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA VIDA

(The completeness of the times and the action of Holy Spirit in Life)

André Aparecido Monteiro*

Graduando em Teologia na Universidade Salesiana de São Paulo – UNISAL

E-mail: sm.andremonteiro@gmail.com

RESUMO:

A encarnação do Verbo marca a chegada da plenitude dos tempos. O Espírito Santo paira com sua sombra e poder sobre a Virgem Maria e inicia o tempo da realização da promessa de Salvação, da chegada do Messias. Maria é a figura do povo de Israel à espera da libertação definitiva, prometida por Deus. Nela, Deus arma sua tenda entre os homens e se relaciona com o homem, trazendo-o à vida nova, no Espírito Santo.

Palavras-chave: Maria; Espírito Santo; Plenitude dos Tempos; Sombra do Altíssimo;

ABSTRACT:

The incarnation of the Word marks the arrival of the fullness of times. The Holy Spirit hovers with Its shadow and power over the Virgin Mary and starts the time of realization, of the promised salvation, the Messiah's arrival. Mary is the figure of the people of Israel that waits the ultimate freedom, promised by God. In it, God mounts his tent among men and relates to the men, bringing him to a new life in the Holy Spirit.

Key-words: Mary; Holy Spirit; Fullness of Times; Shadow of the Most High;

INTRODUÇÃO

Nos artigos do Credo Apostólico, a Igreja guarda a sua doutrina sobre a encarnação do Verbo no seio da Virgem Maria: “*concebido pelo poder do Espírito Santo, nascido da Virgem Maria*”. (CIC §484). A Virgem, ao receber a visita do Anjo é coberta com a “sombra do Altíssimo” (Lc 1,35) e concebe o Salvador. Neste evento, inaugura-se a



plenitude dos tempos, ou seja, o momento favorável para a Salvação do Homem caído pelo pecado.

Maria é filha de Israel, e nela pode-se ver a ação do Espírito de modo completo. Esta ação do Espírito em Maria pode ser lida a partir da história pneumatológica do povo de Israel, porque nela o Espírito de Deus age de modo singular.

Neste artigo, vamos refletir esta relação entre Maria e o Espírito Santo a partir da Anunciação. É o anjo que diz a Maria: “o Espírito descera sobre ti e a sombra do altíssimo te envolverá”. (cf. Lc 1,35). Na Encarnação, o Espírito Santo pairou sobre Maria, sobre sua pessoa. Esta relação de intimidade entre o Espírito e a mulher remete-nos ao ato da criação, quando o Espírito de Deus pairava sobre as águas (cf. Gn 1,1).

Habitando em Maria, envolvendo-a com sua sombra e pairando sobre ela, o Espírito organiza a Graça de Deus sobre o homem na pessoa de seu Filho. Deus escolhe Maria para ser habitação do Espírito, e nela realiza uma nova criação; “Ela e o Espírito são os iniciadores da obra da salvação de Cristo para o mundo”.¹ Por isso, a encarnação do Verbo no seio da Virgem inaugura o tempo da habitação de Deus entre os homens (Jo 1,14).

Maria está presente nos tempos da história de Deus com Israel, seu povo eleito. Ela está presente no tempo de formação do povo de Israel, quando assume ser mãe do Messias, está presente no tempo de Jesus quando passa a ser discípula de seu filho, acompanhando-o, e está presente no tempo da Igreja quando é prefigura da Igreja no Cenáculo.

O Espírito Santo é o fio condutor desta presença mariana nos tempos da história, pois é Ele que conduz Israel ao Messias e age na pessoa de Jesus, manifestando a presença de Deus por seus atos. É o Espírito Santo quem inaugura o tempo da Igreja, quando coloca Maria entre os discípulos do Messias no Pentecostes, como sinal da Igreja que nasce no Cenáculo.

Esta relação entre Maria e o Espírito Santo não é algo frio, mas uma relação de intimidade, de emoções e sentimentos capazes de transformar. Esta relação é um encontro de pessoas, por isso Maria não é somente um lugar onde o Espírito habita, mas lugar onde o homem retoma sua relação com Deus. Leonardo Boff, diz: “Quando o Espírito Santo irrompeu na vida de Maria, ela começou a pertencer ao Espírito Santo e o Espírito Santo a constituir uma única realidade com ela, guardada as diferenças de Criador e criatura”².

Na esteira desta relação fecunda entre Maria e o Espírito Santo, a plenitude dos tempos é compreendida como *kairós*, tempo oportuno para o agir de Deus na história.



1. A PLENITUDE DOS TEMPOS E A “SOMBRA DO ALTÍSSIMO”

A plenitude dos tempos apresentada por Paulo na carta aos Gálatas indica, sobretudo, aquele momento, fixado desde a eternidade, em que o Pai enviou seu Filho para salvar todo aquele que nele crer (cf. Jo 3,16). Esta plenitude indica ainda “o momento da Encarnação do Verbo (cf. Jo 1,1.14) e o momento em que o Espírito Santo plasma no seio de Maria a natureza humana de Cristo”.³

Maria está situada neste contexto entre a decisão do Pai de dar o seu Filho e o lugar que este Filho vem ocupar entre os homens. Fala-se dela, mas não se a nomeia. Por quê? Porque Maria está colocada entre uma lei precedente e um cumprimento da lei, entre os homens escravizados e Deus que envia seu Filho para libertá-los.

1.1. A PLENITUDE DOS TEMPOS EM GÁLATAS 4,4

"Mas quando veio a plenitude⁴ dos tempos, Deus enviou o seu filho, que nasceu de uma mulher e nasceu submetido a uma lei, a fim de redimir os que estavam sob a lei, para que recebêssemos a sua adoção. A prova de que sois filhos é que Deus enviou aos vossos corações o Espírito do Seu Filho, que clama: Aba, Pai!" (Gal 4,4-6).

Plenitude dos tempos é de fato o tempo da salvação! Se foi inaugurado o tempo da salvação, que tempo era o de antes? São Paulo, fala do regime do pecado, ou seja, o tempo da dor, da condenação! Que também era um tempo de promessas, muitas e belas promessas, e todas elas contidas nesta plenitude dos tempos, isto é, a realização das promessas de Deus!

O regime do pecado na vida humana foi inaugurado por Eva, mas quem inaugurou a plenitude dos tempos? Quem abriu o tempo da salvação? Salvar também significa curar! Quem abriu o tempo da cura, isto é, trouxe o remédio único capaz de extirpar de uma vez por todas a doença do pecado, fonte da dor e da morte humana? Seu nome é Maria, a mulher da plenitude dos tempos! Ela não é a cura e nem a salvação, mas, ela pelo seu sim trouxe aquele onde habita toda plenitude; aquele que é o Alfa e o Ômega (cf. Ap 1,8).

O sim de Maria divide eternamente os tempos, o infinito entra no finito, o Divino se faz humano, e o Senhor do universo se faz servidor de todos e alcança a todos com o Seu Amor. Então para todo homem de qualquer tempo que encontra Jesus, para ele se inaugura a plenitude dos tempos, o tempo da salvação: "é agora o tempo favorável, é agora o dia da salvação" (cf. II Cor 6,2). Assim afirma o teólogo Bruno Forte:



Em seus conteúdos, Gl 4,4 quer, pois, testemunhar a reviravolta da história, o novo início do mundo realizado pelo envio do Filho: a referência à mulher da qual ele nasceu, na sóbria acentuação da verdadeira pertinência dele ao humilde mundo dos homens, marcados pela espera, coloca também a mulher no lugar mais próximo do cumprimento escatológico como a criatura mais próxima do coração do mistério, do centro escatológico da história.⁵

Maria inaugura a geração dos bem-aventurados, mas dessa geração ninguém é como ela. De toda a história humana sempre ouvimos de homens e mulheres que tiveram grande experiência com Deus. Moisés, por exemplo, é considerado o 'amigo de Deus', aquele que recebeu as tábuas da Lei e selou aliança entre Deus e o seu povo, mas perceba a infinita diferença, Maria não é só a grande amiga de Deus, mas a Mãe do Filho de Deus. Maria não recebeu as tábuas da Lei, mas Nela a Palavra Única e Definitiva que é Deus se fez carne e veio morar entre nós. E é por ela que a Aliança única e eterna entre Deus e os homens se realiza de uma vez por todas para nós!

Essa “mulher” é a mesma do Evangelho da Infância de Lucas, capítulos 1 e 2. Nesses dois capítulos nós contemplamos os mistérios do Anúncio do nascimento de João Batista, da Anunciação a Maria, da Visita a Isabel com o “*Magnificat*” de Maria, do Nascimento de João Batista, com o “*Benedictus*” de Zacarias, do Nascimento de Jesus em Belém, da Visita dos Pastores, da Apresentação no templo e da perda e encontro de Jesus menino no templo de Jerusalém. Ela é também a mesma que encontramos no início do Evangelho de Mateus 1 e 2, em que afirma, através da cena da perplexidade de José, a origem divina de Jesus como sendo o Emanuel – Deus conosco, prometido em Isaías 7,14.

A expressão “nascido de uma mulher” evoca também a promessa divina de Gênesis 3,15, quando Deus amaldiçoa a serpente: “*Porei inimizade entre ti e a mulher, entre tua descendência e a descendência dela: esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar*”. Haverá uma nova descendência, distinta daquela de Adão e Eva, que não será enganada pela serpente. A descendência de Adão e Eva estava inevitavelmente contaminada por essa infidelidade original. A descendência de Maria estará marcada com a fidelidade do Filho, morto e ressuscitado, e do Espírito Santo, vigor e alma dos que creem.

1.1.1. A SOMBRA DO ALTÍSSIMO SOBRE MARIA

“O Espírito Santo virá sobre ti e a sombra do Altíssimo te cobrirá com sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus” (cf. Lc 1,35). A chave para compreensão do mistério da anunciação do Senhor está contida neste versículo lucano. São dois temas bem definidos que juntos formam o nó central para uma correta compreensão desta relação Maria-Espírito.



Esta sombra do Altíssimo que desce sobre Maria nos remete àqueles símbolos do Antigo Testamento indicativos da presença misteriosa de Deus junto de seu povo. Maria é então aquele lugar de presença misteriosa de Deus entre os homens antes da encarnação do Verbo.

O Espírito Santo é o protagonista da criação, é Ele quem prepara o povo de Israel, liberto do Egito, para viver o tempo de Deus. É Ele ainda quem suscita líderes para guiar este povo nos caminhos de volta para Deus. E Maria é a Virgem Filha de Sião, imagem do novo Israel que nasce na Encarnação do Verbo em seu seio.

Nossa análise aprofundará apenas a primeira parte de Lc 1,35: a presença, ou ação do Espírito em Maria. Esta primeira parte indica o modo como se atualiza em Maria o mistério da Força do Altíssimo.

Seguindo o pensamento de Xabier Pikaza⁶ adotaremos três esquemas para saber como se deve entender esta íntima relação entre o Espírito Santo e Maria: criação escatológica, inabituação sacral, transparência pessoal.

1. Criação escatológica é o modo de compreender a presença do Espírito Santo sobre Maria a partir dos relatos da criação. O mesmo Espírito de Deus presente na criação do mundo, também está presente em sua renovação. Por isso, a encarnação do Verbo é a inauguração de uma nova criação por parte de Deus. Como consequência, podemos pensar Maria como terra infértil, que é fecundada pelo Espírito de Deus e torna-se fecundada, ou origem dos viventes.

Na encarnação, o Espírito Santo, que pairava sobre Maria, chama à humanidade aquele que existe desde a eternidade (cf. Jo 1,1). Assim como no início o Espírito de Deus pairou sobre as águas (cf. Gn 1,2) e do caos criou tudo que existe, em Maria o Espírito paira sobre o caos da humanidade caída pelo pecado para reorganizar a criação ferida através da encarnação do Verbo Divino.

O Espírito Santo é aqui também o protagonista. É em Maria que ele realiza a sua obra prima, nela ele age e inaugura um novo tempo para a humanidade. Este gesto do Espírito é o mesmo da criação, pois é ele quem executa a ordem de Deus de recriar o homem na humanidade do Filho.

O teólogo Pe. Douglas Pinheiro, em seu artigo à Revista Eletrônica da PUC-SP, afirma:

Pairando sobre o caos da humanidade pecadora, o Espírito organiza toda graça no cosmos que é Cristo, e não o faz em outro lugar a não ser em Maria. A obra prima do Espírito Santo não foram os astros, a luz, os animais; mas sua obra mais bela foi aquela que realizou com Maria. Se na primeira Criação Deus disse: faça-se a luz! E a luz se fez (Gn 1,3), na nova Criação Maria



disse: Faça-se em mim (Lc 1,38), e o Verbo se fez carne (Jo 1,14) habitando entre nós.⁷

2. Inabitacão sacral foi utilizada pelos teólogos franceses, cujo referencial é René Lauretín. Neste esquema, Maria é colocada como o santuário de Deus entre os homens, pois a sombra que a envolve é a mesma que acompanhou Israel e encheu o templo com a glória de Deus. (cf. Ex 40,35). A consequência é mostrar Maria como o lugar do cumprimento das promessas de Israel, vendo-a como templo verdadeiro, lugar sagrado onde habita Deus.

O papel de Maria na anunciação foi desempenhado pelo seu “*fiat*” por meio do qual dá ao mundo Cristo, a Luz eterna. O seu corpo torna-se o santuário reservado para a ação do Espírito Santo e sua humanidade, templo onde habita o Espírito de Deus. “Ao dar ao mundo a Luz do mundo, torna-se medianeira desta Luz divina que excede e excederá para sempre a capacidade de percepção de toda criatura”.⁸

3. Transparência pessoal. Não é exegese, nem sistemática, mas desejo de interpretação madura desta relação interpessoal. Maria é mais do que uma terra vazia ou um templo, é pessoa constituída de uma realidade de encontro com Deus. Aqui a presença do Espírito em Maria implica diálogo, liberdade, resposta e obediência; o que supera os esquemas anteriores.

Maria é agraciada por Deus, o que a coloca superior a uma terra vazia; é ainda livre para dialogar com o anjo e dar sua resposta frente ao seu chamado. Ela não é um objeto nas mãos de Deus, mas uma pessoa respeitada por Ele através de seu anjo. Em sua resposta positiva, Maria se converte em expressão do Espírito.

Xavier Pikaza, afirma:

Ela não é um instrumento mudo, não é um meio inerte que Deus se limitou a utilizar para que Cristo nasça: ela é o lugar da plenitude do Espírito, a terra da nova criação, o templo em que o mistério habita. Mais ainda, ela é a pessoa que em diálogo de liberdade com Deus, ali onde culmina o caminho da história e da esperança, vive e atualiza (talvez melhor: personifica) a presença do Espírito de criação e maternidade de Deus.⁹

A vida de Maria é toda marcada pela ação do Espírito Santo. Na anunciação (cf. Lc 1,26-38), na cruz (cf. Jo 19,30), na ressurreição (cf. Jo 20,19-23) e no Cenáculo (cf. Atos 1,12-14) o Espírito age em sua vida e na vida dos discípulos de Jesus. Ela não se abre à ação do Espírito Santo somente no ponto de partida, no ato inicial da anunciação, mas permanece para sempre sob seu poder misterioso e secreto. Por isso, podemos dizer que Maria é o lugar onde irradia a luz de Deus; luz que brilha para toda a humanidade.

O que antes estava escondido atrás do véu, agora pode ser contemplado a partir de Maria, do seu sim e de sua vida. Nela o Espírito Santo concebe o Unigênito de Deus e



dá ao mundo a eterna Luz. Como Moisés irradiava a luz de Deus em seu rosto no Sinai (cf. Ex 34,29), Maria irradia a Luz de Deus para o mundo ao gerar aquele que é a Luz do mundo (cf. Jo 8,12).

1.2. MARIA, MODELO DE IGREJA PNEUMÁTICA.

O século XX será conhecido como o século do despertar do Espírito Santo não só pela redescoberta do lugar do Espírito na teologia e liturgia, mas, sobretudo pela experiência que a Igreja fez de uma efusão do Espírito sobre toda carne, de onde floriram os movimentos carismáticos e pentecostais.

O Espírito Santo circula novamente na Igreja, apesar de suas fraquezas e constitui a maior esperança para a reunião dos cristãos. Como foi enviado outrora, hoje é enviado sobre todas as confissões cristãs, a fim de que se viva o mesmo que Pedro viveu na casa do Centurião Cornélio: “Se Deus lhes concedeu o mesmo dom que nós..., quem era eu para opor-me a Deus?” (cf. At 11,17).

O relacionamento entre Maria e o Espírito Santo é bastante novo na reflexão teológica, mas para compreender a Igreja como lugar próprio da ação do Espírito é preciso “procurar seu modelo em Maria, que, por obra do Espírito Santo, concebeu sua cabeça e seu Salvador”.¹⁰

Afirmar Maria como modelo de uma Igreja pneumática é assegurar que Maria, depois de Jesus, foi a maior carismática da história da salvação. Não por ser ela cheia dos carismas, mas porque nela o Espírito Santo realizou a maior das suas ações prodigiosas, a vida do Messias. A intervenção do Espírito na vida de Maria superou todos os profetas, pois até então a Palavra de Deus era enviada a partir de uma realidade e aqui, em Maria, Ela “se fez carne”, se faz real, habitando no meio dos homens (cf. Jo 1,14). Como afirma o teólogo Frei Raniero Cantalamessa:

Sobre os profetas, até João Batista, a Palavra de Deus “vem” (*factum est verbum Domini super...*)(cf. Lc 3,2); isto é, a Palavra torna-se neles “realidade ativa”. Em Maria, graças a esta intervenção do Espírito Santo, a Palavra não vem só por um instante, mas estabelece morada; não se torna apenas “realidade ativa”, mas se faz carne.¹¹

A relação entre Maria e o Espírito é elemento fundante de toda a fé cristã e protótipo da missão da Igreja para o mundo. O papel de Maria para a humanidade é o papel da Igreja, verdade que compromete intrinsecamente a figura de Maria com a eclesiologia, isto é, com a compreensão que se tem da Igreja. Tudo o que o Espírito nela realizou é o que pretende realizar na Igreja. Foi em Maria que o Espírito manifestou o Cristo para o Mundo, verdade que anela Maria à cristologia. Aliás, toda a mariologia encontra sua



razão de ser na cristologia (em Jesus Cristo) e na pneumatologia (na compreensão sobre o Espírito Santo), uma vez que são estas pessoas da Trindade (Filho e Espírito) que “tocam” Maria de forma muito singular, e através delas o próprio Pai.

É por conta desta profunda relação entre Maria e o Espírito Santo que a Virgem ocupa na teologia católica um lugar privilegiado. Longe de conceder a ela prerrogativas próprias do Espírito Santo, a Igreja sempre a apresentou como modelo daquilo que o Espírito opera na vida dos cristãos e, conseqüentemente, como critério de discernimento para uma autêntica vida no Espírito.¹²

Olhar para Maria é contemplar nela aquilo que Deus quer realizar em nós. A Igreja, olhando para Maria, vê-se no seu modo original, por isso ao rezar ao Espírito Santo contempla a vida de Maria como “ícone” de sua própria relação de intimidade e docilidade à ação do Espírito de Deus.

CONCLUSÃO

Em síntese, vimos a Encarnação do Verbo como o tempo da plenitude de Deus. Em Maria, Deus cumpre sua promessa e desce ao encontro do homem (Ex 3) para libertá-lo em definitivo. Maria, pelo seu sim, inaugura o tempo da graça, ao deixar-se plasmar pelo Espírito de Deus.

Maria e o Espírito Santo são temas completamente distintos, mas com uma profunda intimidade. Uma é humana e outra Divina. E falar desta relação, é ponderar sobre um ponto de encontro entre Deus e a humanidade. A relação de Maria com o Espírito Santo é a relação própria do homem redimido por Cristo e é protótipo da relação que a Igreja deve manter com o seu Senhor.

Ela não ocupa o lugar do Espírito ao protagonizar o evento da Encarnação, antes, torna-se modelo para todos quantos desejam uma vida no Espírito. Por isso, e a partir da ótica relacional entre Maria e o Espírito Santo, podemos colocá-la como modelo para o ecumenismo, para a reunião dos irmãos em Cristo. Ela percorreu este caminho de comunhão com Deus, portanto, sabe indicar as veredas pelas quais o Senhor nos chama a caminhar.

A Igreja, se quer cumprir sua missão de anunciar o Evangelho (cf. Mc 16,15), deve também ser no mundo atual sinal da Plenitude do tempo de Deus cumprida em Jesus, seu Senhor. Olhar Maria como obra do Espírito certamente ajudará no diálogo ecumênico. Só por este fato, venerar Maria não é exagero, louvar a Virgem Maria não significa louvá-la por ela mesma, mas reconhecer do que nela foi realizado como primícias para todos os cristãos; também é engrandecer a Deus pelo que nela operou o



Espírito, sendo que esta obra do Espírito nela realizada não foi para ela apenas, mas tem como destinatária a humanidade toda.

BIBLIOGRAFIA

BOFF, Leonardo. **O Espírito Santo: fogo interior, doador de vida e Pai dos pobres**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CANTALAMESSA, Raniero. **Maria, um espelho para a Igreja**. São Paulo: Santuário, 1992.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

DE FIORES, Stefano; MEO, Salvatore. **Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995.

FORTE, Bruno. **Maria, a mulher ícone do mistério**. São Paulo: Paulinas, 1991.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica *Redemptoris Mater*, sobre a Mãe do Redentor**. 15ª edição. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção A Voz do Papa, 116).

PINHEIRO, Douglas. **Maria e o Espírito Santo**. Revista Eletrônica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>. Acesso em 25 de março de 2014.

PIKAZA, Xabier. **Maria e o Espírito Santo: notas para uma mariologia pneumatológica**. São Paulo: Loyola. 1987.

LAURENTIN, René. **Breve tratado de Teologia Mariana**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1965.

MURAD, Afonso. **Maria toda de Deus e tão humana**. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.

SUENENS, L. J. Cardeal. **O Espírito Santo nossa esperança**. São Paulo: Paulinas, 1975.

ZBIK, Francesco Pe. **“O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do altíssimo te cobrirá com a sua sombra”**. In: RIBLA, n.4

Referência estrangeira

CONGAR, Ives M.J. **El Espíritu Santo**. Barcelona: Herder. 1983.

POZO, Candido. **Maria en la obra de la salvacion**. Madrid: B.A.C, 1990.



* Seminarista da Diocese de Jundiá-SP. Graduando em Teologia na Universidade Salesiana de São Paulo, UNISAL - Campus Pio XI, SP. E-mail: sm.andremonteiro@gmail.com

¹ PINHEIRO, Douglas. *Maria e o Espírito Santo*. Revista Eletrônica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>. Acesso em 25 de março de 2014.

² BOFF, Leonardo. *O Espírito Santo: fogo interior, doador de vida e Pai dos pobres*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 167.

³ JOÃO PAULO II. Carta encíclica *Redemptoris Mater*, sobre a Mãe do Redentor. 15ª edição. São Paulo: Paulinas, 2010. (Coleção A Voz do Papa, 116).

⁴ A expressão “plenitude dos tempos” é paralela a outras expressões análogas ao judaísmo, quer bíblico (cf. Gn 29,21; 1Sm 7,12; Tb 14,5) quer extrabíblico, e especialmente do Novo Testamento (cf. Mc 1,15; Lc 21,24; Jo 7,8; Ef 1,10). Sob o ponto de vista formal, ela indica não apenas a conclusão de um processo cronológico, mas, sobretudo a maturação e o desenrolar de um período particularmente importante, porque orientado para a realização de uma expectativa, revestindo-se por isso mesmo de uma dimensão escatológica. Atendo-nos à afirmação de Gl 4,4 e ao respectivo contexto, o que sucede é o advento do Filho de Deus que vem revelar que o tempo preencheu, por assim dizer, sua medida; isto é, o período marcado pela promessa feita a Abraão, bem como pela Lei transmitida por Moisés, chegou ao ponto culminante, no sentido de que Cristo cumpre a promessa divina e torna superada a antiga lei. (cf. nota explicativa da encíclica *Redemptoris Mater*).

⁵ FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 45

⁶ Xabier Pikaza no livro “*Maria e o Espírito Santo: notas para uma mariologia pneumatológica*”, apresenta uma estrutura redacional coerente a respeito deste mistério da vinda do Espírito sobre Maria. Há muito a ser dito, pois o tema é relevante para a teologia moderna, mas como não temos espaço para uma exegese mais profunda, indico a leitura completa do texto para melhor esclarecimento.

⁷ PINHEIRO, Douglas. *Maria e o Espírito Santo*. Revista Eletrônica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>. Acesso em 25 de março de 2014.

⁸ ZBIK, Francesco Pe. “*O Espírito Santo descera sobre ti e a virtude do altíssimo te cobrirá com a sua sombra*”. In: RIBLA, n.4, p.112.

⁹ PIKAZA, Xabier. *Maria e o Espírito Santo: notas para uma mariologia pneumatológica*. São Paulo: Loyola. 1987. p. 42

¹⁰ CANTALAMESSA, Raniero. *Maria, um espelho para a Igreja*. São Paulo: Santuário, 1992. p.155

¹¹ CANTALAMESSA, Raniero. *Maria, um espelho para a Igreja*. São Paulo: Santuário, 1992. p.161.

¹² PINHEIRO, Douglas. *Maria e o Espírito Santo*. Revista Eletrônica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>. Acesso em 25 de março de 2014.